

**André Fernandes
Catarina Santos
Liliana Neto
Sara Ricardo
Ana Ramos Pereira**

**TURISMO NATUREZA NO
CONCELHO DE MARVÃO**
**Uma proposta condicionada em
Agosto / Setembro de 2003**

CENTRO DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS
LISBOA - 2004

TURISMO NATUREZA NO CONCELHO DE MARVÃO. UMA PROPOSTA CONDICIONADA EM AGOSTO/SETEMBRO DE 2003 ⁽¹⁾

ANDRÉ FERNANDES ⁽²⁾
andre_filipe_fer@mail.pt

CATARINA SANTOS ⁽²⁾
ina_santos@iol.pt

LILIANA NETO ⁽²⁾
lilianafneto@portugalmail.pt

SARA RICARDO ⁽²⁾
saracameijo.fl.ul.pt

ANA RAMOS PEREIRA ⁽³⁾
anarp@fl.ul.pt

*Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras
Alameda da Universidade, 1600-214 Lisboa
Tel: 00351-21-7940218, Fax: 00351-21-7938690*

RESUMO

O concelho de Marvão tem características geomorfológicas particulares que geram duas grandes unidades de paisagem: a Serra de S. Mamede e a “peneplanície” alentejana. Esta diferenciação física origina uma diversidade climática de feição mais ou menos marcadamente mediterrânea que permite a existência de espécies vegetais e de fauna que importa conservar. Esta riqueza biofísica, ainda preservada, situa-se, portanto, numa região excêntrica em relação aos grandes pólos de desenvolvimento do País, mas que já conheceu grande importância de carácter defensivo. Nela se encontram elementos do nosso património construído (Marvão é candidata a Património Mundial da Humanidade em 2004).

Como realçar este património, preservando-o e pondo-o à disposição de todos?

O turismo é uma actividade que pode, sendo uma importante alternativa de desenvolvimento de áreas rurais ricas em património natural e construído, potenciar a dinâmica de outros sectores de actividade, induzindo a transferência de rendimentos das regiões mais abastadas, traduzindo-se assim num instrumento corrector de assimetrias regionais.

No sentido de dotar o concelho de um documento orientador, foi elaborada uma Carta de Turismo Natureza que deverá ser acompanhada de uma brochura (notícia explicativa), onde se incluem itinerários ambientais alternativos e a informação necessária para uma sensibilização ambiental.

Não pode, contudo, esquecer-se os incêndios que fustigaram o concelho, em Agosto e Setembro de 2003, e que destruíram grande parte da riqueza biofísica que entretanto tinha sido inventariada. Por esse motivo, a implementação da proposta inicial está por agora adiada, uma vez que o suporte biofísico foi em grande parte destruído, na sequência dos incêndios florestais.

PALAVRAS-CHAVE

Recursos Biofísicos, Património Natural e Construído, Turismo Sustentável

(1) III Seminário Recursos Geológicos, Ambiente e Ordenamento do Território, *Livro de Actas, Vila Real, 23-25 Outubro, 2003, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.*

(2) Alunos do Departamento de Geografia, Universidade de Lisboa

(3) Professora Associada do Departamento de Geografia, U.L.. Investigadora do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa e orientadora.

1. Recursos biofísicos do concelho de Marvão

Na região do Alto Alentejo, este concelho integra o distrito de Portalegre. Com uma área de 154,48 Km², possui uma população de 4029 habitantes (2001), em grande parte envelhecida. O povoamento é disperso e o desenvolvimento urbano fraco.

Marvão é constituído por dois tipos de relevo (figs. 1 e 2; FEIO e ALMEIDA, 1980):

- (i) A Serra de São Mamede, a sul da Vila de Marvão, onde a altitude atinge 1027m, talhada essencialmente no complexo xisto-grauváquico ante-ordovícico e em quartzitos de idade ordovícica e silúrica. Associadas à serra encontram-se inúmeras cristas quartzíticas que correspondem a um enorme sinclinal de orientação NW-SE com início em Castelo de Vide e que se prolonga para Espanha. Estas cristas testemunham o Relevo Apalachiano Policíclico.
- (ii) A Superfície Poligénica Alentejana, aqui representada por dois níveis relativamente elevados. A Plataforma de Portalegre, a norte da Vila, é o nível mais baixo, talhada em granitos calco-alcalinos, e no extremo norte em xistos e grauvaques. Caracteriza-se por um relevo aplanado, mas já dissecado por erosão hídrica. Corresponde a um patamar que marca a transição entre a serra de São Mamede e o nível geral da Superfície Poligénica do Alto Alentejo.

A Plataforma de Alvarrões, que ocupa o extremo sudoeste do concelho, caracteriza-se por ser uma área plana talhada em ortognaises graníticos, e que corresponde a um elemento desnivelado da Plataforma de Portalegre, pela escarpa de falha de Carreiras.



Figura 1 – MDT das duas unidades geomorfológicas presentes no concelho.

Devido à existência destas unidades de relevo distintas, localmente as características climáticas diferem. Assim, na Montanha, domina o clima pré-atlântico (ALCOFORADO *et al*, 1993), as temperaturas são mais baixas e a serra funciona como barreira de condensação, elevando os valores de precipitação (clima meso-mediterrâneo atenuado). Na Superfície Poligénica predomina o clima mediterrâneo, marcado pela continentalidade (clima meso-mediterrâneo acentuado) e consequente secura promovida

pela perda de humidade das massas de ar atlânticas, verificando-se neste sector temperaturas mais elevadas.

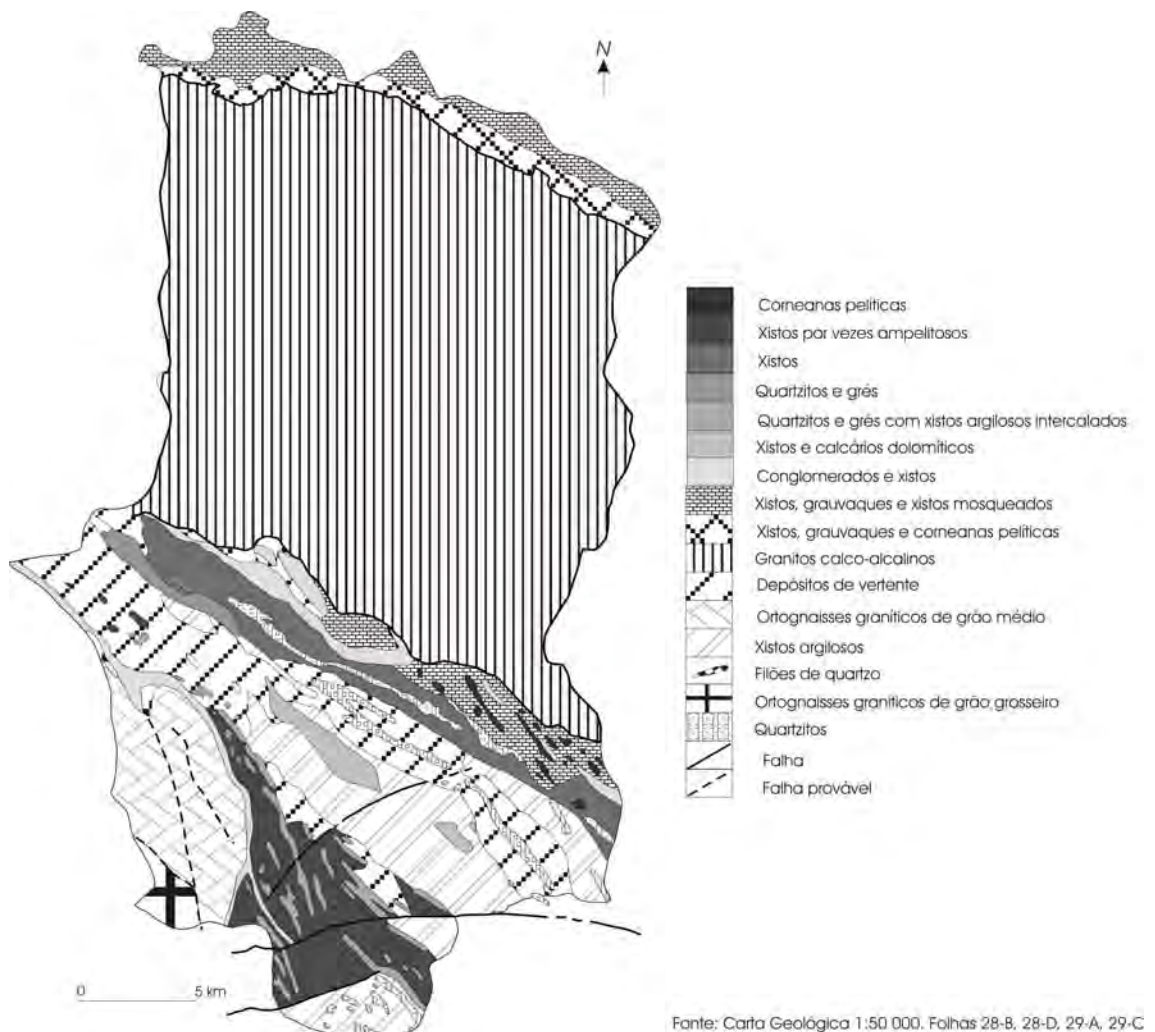


Figura 2 – Esboço geológico do concelho de Marvão.

Os recursos hídricos superficiais surgem como uma mais valia para o concelho, envolvido por áreas em *stress* hídrico. Salienta-se a existência da Barragem da Apartadura, para abastecimento de água, e o Rio Sever, de carácter permanente. As restantes linhas de água presentes no concelho dependem directamente da precipitação, tendo por isso um carácter sazonal. Os recursos hídricos subterrâneos não são abundantes, o maior destaque vai para o aquífero cársico de Olhos de Água, que surge numa área de calcários dolomíticos bastante carsificados. O concelho dispõe também de águas hidrotermais nas Termas da Fadagosa, no norte do concelho.

Os solos são de fraca aptidão agrícola e apenas 15% estão inseridos na Reserva Agrícola Nacional, localizando-se essencialmente nos fundos de vale. Os restantes 85% tem aptidão para a silvicultura e pastorícia. Extensas áreas devem ser reservadas à vegetação natural e às utilizações compatíveis com a sua manutenção, como o turismo, a

caça, a apicultura, o aproveitamento de produtos como as plantas aromáticas, condimentares e cogumelos.

Os contrastes litológicos, morfológicos e climatológicos permitem a diferenciação de uma grande diversidade de espécies vegetais pertencentes ao domínio pré-atlântico que aqui encontram o seu limite sul e sudoeste de expansão no território português, bem como espécies de domínio mediterrâneo. Pertencentes ao domínio pré-atlântico surgem espécies como carvalho-negral, o castanheiro, predominando em altitudes superiores aos 650m. O pinheiro bravo tem maior expressão nas vertentes mais húmidas. Associado aos cursos de água e nos vales onde a humidade se acentua surgem choupos e freixos. Salienta-se pela sua beleza, o “túnel de freixos” na E.N. 246-1, junto ao campo de golfe.

A metade norte do concelho, onde a secura é mais elevada e as altitudes mais moderadas, predominam espécies associadas ao domínio mediterrâneo, nomeadamente sobreiros e azinheiras. Uma extensa área de matagal, com funções predominantemente de protecção e recuperação, expande-se ao longo de todo este sector. É também frequente encontrar comunidades que representam etapas de substituição/degradação dos bosques de sobre e azinho, como os giestais e os urzais com estevas.

Esta riqueza vegetal serve de habitat para inúmeras espécies animais, muitas delas ameaçadas e em vias de extinção, ou ainda não ocorrentes noutras regiões alentejanas, provenientes de regiões mais setentrionais. Salienta-se pela sua beleza e raridade a Águia-de-Bonelli, que realiza incursões esporádicas a um ninho situado no sul do concelho, o peneireiro cinzento, considerado a mais bela e rara ave de rapina da Europa, praticamente restrita ao sul da Península Ibérica. É igualmente possível encontrar, nos troncos “cavernosos” dos castanheiros, o mocho real.

Os passeriformes, a mais extensa *ordem* das aves, têm uma ampla distribuição no concelho, andorinhas, melros, chapins, cotovias e pardais são apenas um pequeno exemplo das espécies ocorrentes.

No que diz respeito aos carnívoros de estatura mediana, refira-se pelo seu estatuto de muito raro e ameaçado, o gato-bravo. Os roedores têm forte expressão no concelho, existindo inúmeras espécies de ratos, nomeadamente o rato-de-cabrera, um endemismo ibérico com estatuto de raro no nosso país. Os morcegos constituem mais uma riqueza faunística do concelho, de que ocorrem treze espécies, nove das quais em perigo de extinção, destacando-se a sua presença nas caleiras de Escusa e na área de Porto da Espada. No que diz respeito aos anfíbios, espécies como o sapo parteiro e a rã ibérica, estão presentes ao longo das margens do Rio Sever. Nos cursos de água surgem igualmente uma das espécies de répteis mais espectaculares da fauna concelhia, o lagarto de água, endemismo ibérico, cuja população se encontra isolada, visto ser uma espécie mais abundante no norte do país. As espécies aqui referidas representam somente uma pequena amostra do extenso leque desta riqueza faunística, que confere uma mais-valia ao concelho e que é necessário preservar. Diversas actividades podem ser associadas a esta magnífica diversidade, nomeadamente: (i) passeios de observação (devidamente acompanhados por guias, fotografia, etc), (ii) actividade cinegética que pode e deve ser considerada, existindo áreas específicas no interior do concelho. Alerta-se, no entanto, que todas estas actividades devem respeitar o sistema ecológico,

devendo por isso ser específica e claramente regulamentadas no sentido de minimizar os seus impactos na Natureza.

2. Património histórico-cultural

Para além dos valores naturais acima mencionados, o Parque Natural da Serra de São Mamede e a restante área do concelho detêm um património histórico construído de elevado valor que se justifica aqui realçar.

A Vila de Marvão, candidata a Património Mundial da Humanidade em 2004, situa-se a 862 metros de altitude e é rodeada de sinuosas e vertiginosas muralhas seiscentistas. Este “miradouro” permite a contemplação do Parque Natural, de Espanha, da Serra da Gardunha e da Serra da Estrela, bem como de toda a paisagem da superfície poligénica alentejana. Dentro da vila são vários os pontos de interesse, além do Castelo, de origem romana, temos um vasto património histórico-cultural, onde se inclui: a arquitectura civil, com características do século XV e XVI; a calçada medieval e as ruas do velho burgo; o pelourinho e os antigos paços do concelho, com a prisão e a torre do relógio.

Os fornos de cal de Escusa (ver figura 3) testemunham uma das indústrias mais importantes do passado do Distrito de Portalegre, constituindo um importante recurso do ponto de vista da arqueologia industrial. No PDM de Marvão é referida a intenção de se constituir um museu geológico, mas que até hoje não foi concretizada.

A ponte e torre da Portagem são ainda elementos a mencionar, não só pelas suas características próprias, mas também por toda a paisagem envolvente. Ainda no domínio do património arqueológico, encontramos inúmeros monumentos megalíticos, nomeadamente antas e menires, dispostos por toda a parte norte do Concelho de Marvão, e, junto ao Rio Sever, as ruínas da antiga cidade de Ammaia, de extrema beleza, bem conservadas e importantes no quadro arqueológico nacional.

3. A Carta de Turismo Natureza

Depreende-se do exposto, que o património natural e construído do concelho de Marvão pode e deve ser considerado como um recurso de elevado potencial, que pode constituir um motor de desenvolvimento. O turismo surge como sendo uma importante dimensão do desenvolvimento que, com uma gestão eficaz, potenciará ainda a conservação da natureza (PEREIRA *et al*, 2000). Com base em elementos extraídos do PDM do concelho, trabalho de campo, pesquisa bibliográfica e nas cartas militares, escala 1:25 000, folhas n.º 325, 325 – A, 335, 336, 347 e 348, foram identificados os recursos que constam na carta que de seguida se apresenta, de referir que todo o concelho apresenta uma paisagem magnífica, que no seu todo forma um recurso impar que no documento não é possível representar (fig.3). O seu património natural é diversificado e no seu conjunto apresenta elevada biodiversidade. Os carvalhais e os soutos/castinçais são disso um exemplo, situando-se, maioritariamente no sector sul do concelho. Os montados de sobro e azinho (maioritariamente no sector norte) formam um conjunto de elevada diversidade tanto florística como faunística, pois este ecossistema é suporte de vida para inúmeras espécies. O fértil vale da Aramenha, faz parte dos elementos de grande valor paisagístico, divergindo da tradicional paisagem alentejana.

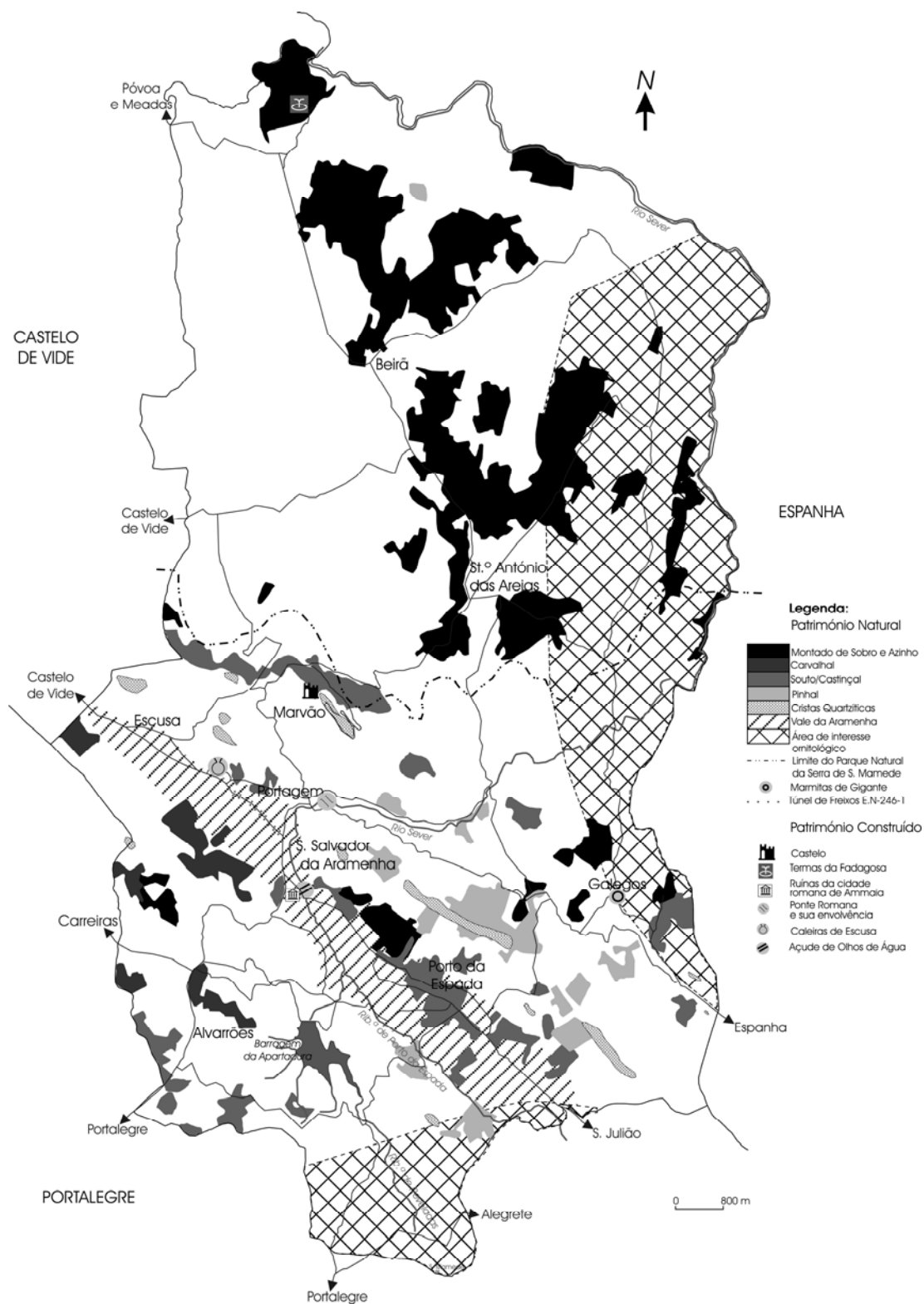


Figura 3 – Proposta de Carta de Turismo Natureza

No extremo leste e sul do concelho existe uma área considerada de elevado interesse ornitológico, com diversas espécies, mais ou menos raras, podem que aí podem ser observadas e escutadas. No que respeita à área de interesse geológico e

geomorfológico, salienta-se o alinhamento de cristas quartzíticas, no sul do concelho, assim como as magníficas marmitas de gigante que se podem observar em Galegos. Ao longo da E.N 246-1 verifica-se a perfeita simbiose entre o que a Natureza nos oferece e o que o Homem pode criar através de um magnífico túnel de freixos.

No que concerne ao património construído, a Vila de Marvão e o seu imponente Castelo ladeado por muralhas seiscentistas espelham o esplendor máximo da arquitectura do Concelho. Os Romanos deixaram a sua marca através de um vasto legado aqui evidenciado essencialmente através das ruínas da cidade de Ammaia junto ao rio Sever, na localidade de Portagem. As caleiras de Escusa e seus respectivos fornos, ainda que abandonados oferecem ao visitante uma ideia daquilo que outrora foi uma das actividades mais prósperas do concelho. O açude dos Olhos de Água (vale da Aramenha) e as termas da Fadagosa, situadas no norte do concelho, ainda que em propriedade privada e deixados ao abandono, merecem aqui uma referência e um apontamento à sua eventual recuperação, podendo posteriormente oferecer ao visitante agradáveis momentos de lazer. O património, natural e construído, por se encontrar em perfeita sintonia, criando uma paisagem única, motiva a sua inclusão no Parque Natural da Serra de São Mamede que praticamente divide o concelho nos dois sectores aqui referidos.

4. Uma proposta condicionada

Devido a factores naturais e humanos, parte desta riqueza foi destruída, na sequência dos incêndios ocorridos nos meses de Agosto e Setembro do presente ano.



Foto 1 – A desolação de uma das áreas varridas pelos incêndios. 7 de Setembro de 2003

Não estão ainda disponíveis os dados referentes à área ardida. Porém, uma visita ao concelho permite afirmar que cerca de 40% da área concelhia foi consumida pelo fogo (foto1), destruindo grande parte da riqueza biofísica que o concelho detinha aquando da

realização do presente trabalho. No quadro actual, e depois de devidamente avaliada a situação, deverá aproveitar-se a ocasião para se proceder ao ordenamento florestal no concelho, definindo claramente a área a ocupar pelos diferentes tipos de floresta. Só assim será possível proceder à reflorestação, permitindo a regeneração da floresta autóctone e o redimensionar da área de floresta de exploração, de acordo com as características biofísicas do concelho.

No entanto, a implementação da actividade turística no concelho não deve ser esquecida, deve sim ser utilizada como um meio de recuperar o património perdido e de manter o ainda existente.

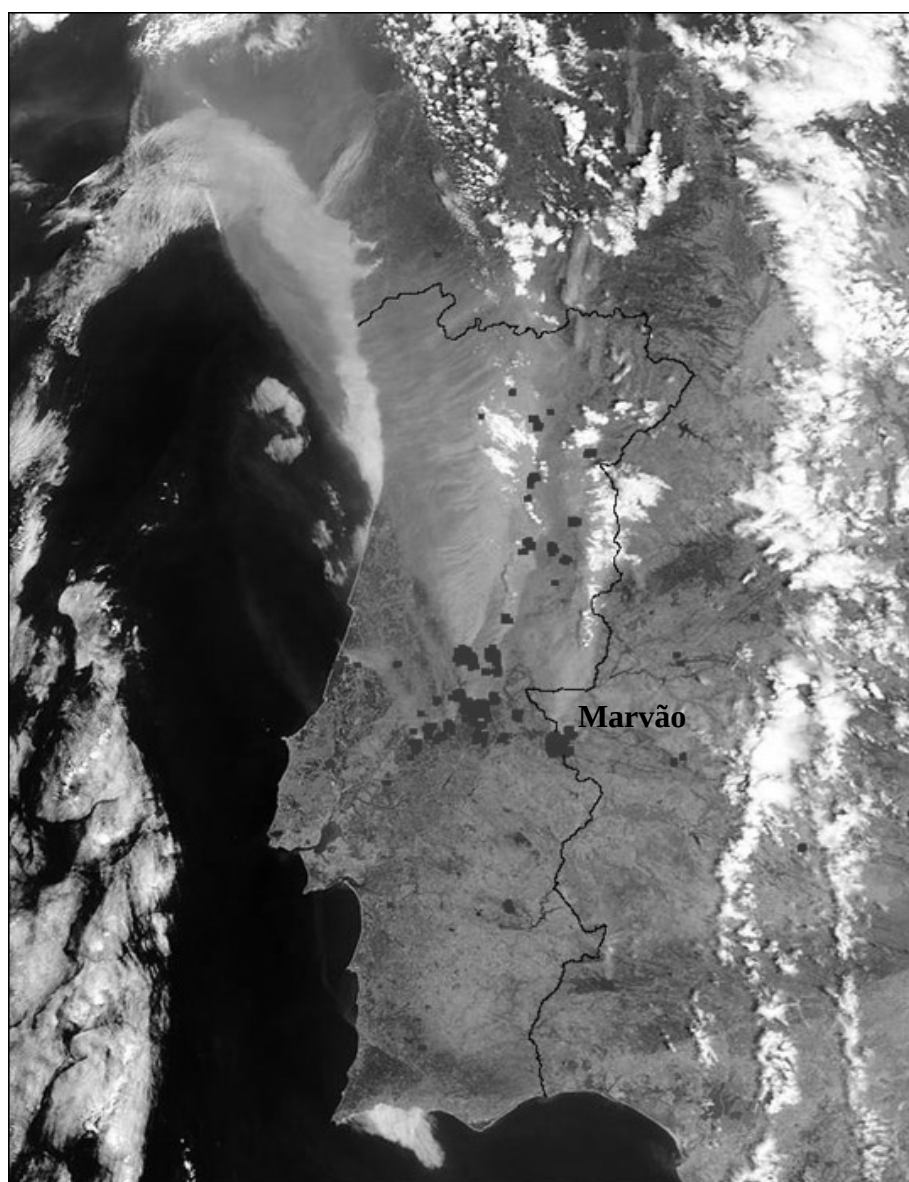


Figura 4 – Imagem de satélite do dia 15 de Agosto de 2003. As manchas escuras no Centro e Interior Norte correspondem às áreas afectadas pelos incêndios.

Fonte: <http://visibleearth.nasa.gov/sensors>

Bibliografia citada:

ALCOFORADO, M.J.; ALEGRIA, M.F., PEREIRA, A. RAMOS; SIRGADO, C. (1993) – *Domínios bioclimáticos em Portugal definidos por comparação dos índices de Gaussen e de Emberger* (red.). L.A.G.F., Rel. 33, Centro de Estudos Geográficos, 57p., Lisboa.

FEIO, M. e ALMEIDA, G. (1980) – A Serra de S. Mamede. *Finisterra*, vol. 15, nº 29, pp. 30-52.

PEREIRA, A. RAMOS; RAMOS, C.; LARANJEIRA, M. (2000) – Reserva Ecológica Nacional (REN): sua importância para o ambiente e ordenamento do território. *Finisterra*, vol. 35, nº 70, pp. 7-40.

Plano Director de Marvão (1994).

www.cm-marvão.pt